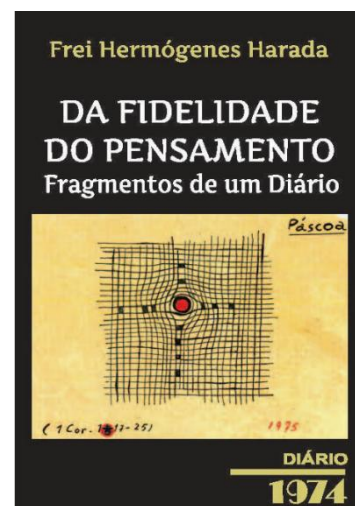


RESENHA



HARADA, H. *Da fidelidade do pensamento: Fragmentos de um diário*. Porto Alegre: Evangraf, 2018, 174p.

25

Prof. Dr. Roberto S. Kahlmeyer-Mertens
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE¹

Diários, invariavelmente, trazem a marca da intimidade. Em páginas de diário vivências ganham expressão naquela linguagem branda que reservamos apenas para falar conosco mesmos, geralmente em horas solitárias. Se autênticos, tais solilóquios são sem artifícios e não afetam superestima. É verdade, produto da modernidade, diários pressupõem o sujeito, mas não se perca de vista também o quanto a prática de escrevê-los tem do exame de consciência cristão. Assim, um diário contribui na tarefa da autocompreensão e no ganho de clareza quanto a limites, reconhecimento de virtudes e faltas e, por fim, nos projetos para a realização da existência própria.

Face a isso estimaríamos o quanto a leitura – e, sobretudo, o pôr a público – de um diário alheio não constituiria, em boa medida, uma invasão de privacidade.

¹ E-mail: kahlmeyermertens@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8572-8302>

Seriam com certeza empreendimentos invasivos se motivados pelo interesse do vulgo, pela vã curiosidade. Mas, *e quando o leitor vai aos diários de um estadista, de um santo, de um herói ou de um gênio? O que se está à cata quando revirmos os registros de vivências do cientista, do artista, do pensador?* Na experiência singular da pessoa, quer-se o que nela há de modelar; na narrativa de um dia, intenta-se como a pessoa se apresenta, como se torna quem é, pistas da gênese de cada ideia e obra, mostras de seus progressos espirituais e, enfim, a maneira com a qual tal pessoa amava seu mundo. Desse modo, apenas o relapso abriria os diários de um Søren Kierkegaard (de um Franz Kafka, de um Paul Klee, de um Ernst Jünger ou de um Andrei Tarkovski) sem perceber esses elementos da *metafísica pessoal de seu autor*, e do quanto tal “metafísica” é modelar e formativa. *Mas será que é isso que, ao fim, lograremos da leitura de Da fidelidade do pensamento: Fragmentos de um diário, de Hermógenes Harada?*

Frei Harada (1928-2009) era japonês e radicou-se no Brasil ainda menino. Juntou-se aos Franciscanos e viveu atento aos princípios da ordem; desfrutou de uma temporada de estudos na Alemanha, onde cursou o doutorado em filosofia; tendo estudado fenomenologia, foi orientado pelo filósofo Heinrich Rombach. É certamente possível avaliar o quanto a experiência na Universidade de Freiburg i. Br. e na de Würzburg fora acréscimo a sua vida intelectual e de docente, é o que transparece nos muitos relatos sobre a maneira notável com a qual ele lidava com o texto filosófico: contenção e intensidade, paciência e boa vontade. Isso transparece nas inúmeras memórias de alunos e de admiradores, mas também nos livros publicados, arranjos de competência e carisma. No entanto, a mais significativa realização de Hermógenes Harada foi decerto as gerações de religiosos e estudiosos de filosofia que se fizeram por suas mãos, no Cefepal² e em outros centros de formação.

O livro focalizado traz matéria de um diário com cento e vinte fragmentos; destes, cento e dezessete são do designado “Grande diário”, com registros dos anos de 1975-76, outros pertencem ao chamado “Diário breve”, datado de 1978. De início, a leitura mostra o cotidiano algo banal de um religioso em seu ambiente, assim, bagatelas da rotina pastoral, impressões dos estados de humor e das estafas do Frei, registros das dificuldades comezinhas no convívio com colegas ou com alunos... Apenas aos poucos, dessa prosa menor, emergem meditações que nos fazem compreender a escolha do título desse diário. Passa-se então a se divisar como, da mediania cotidiana, o extraordinário entra na presença. Este vem, por exemplo, por meio do estranhamento frente a si e ao mundo, cujo sentido parece ter, por um instante, se recolhido nos confrontando com a nossa condição de “Animal metafísico”, conforme o fragmento homônimo n.º 3, do dia 21 de fevereiro de 1975 (p.

² Centro de Estudos Franciscanos e Pastorais para a América Latina, atualmente, sem consistir mais em um Centro de Estudos, chama-se FFB: Família Franciscana Brasileira

19)³. O mesmo extraordinário está no fragmento n.º 13, intitulado: “Da angústia”, no qual o pensador evidencia – sem preocupação professoral – como a tonalidade afetiva da angústia, diferente do temor e do tédio, se insinua iminente à existência e proporcionando maneira de visar os entes e seu respectivo horizonte de sentido, tornando-os transparentes. Em “Coisa não é objeto” (n.º 100), encontramos a diferença entre estes dois conceitos da tradição, elucidação quanto ao objeto que se nos contrapõe ser outro que a pulsação de sua causa.

Note-se, desde o início, o quanto Heidegger é influência no pensamento de Harada, isso seguramente se deve a sua passagem por Friburgo, no período em que ainda vicejavam as lições do filósofo recém-aposentado. Assim, influxos heideggerianos estão por toda parte, sendo inspiração para os títulos do diário: “Cansaço ou serenidade?” (fragm. n.º 34), “Ser bem onto-lógico” (n.º 47), “Do ser religioso da vida religiosa” (n.º 51), “Da necessidade de recuperar a unidade do ser” (n.º 57), “Da serenidade sábia” (n.º 88), “A essência da existência é morte, não o findar” (n.º 101) e “É necessário que se agrave a fraqueza do esquecimento do ser” (n.º 108), são só alguns. Principalmente na porção final do livro, vemos tentativas de interpretar passagens do texto de Heidegger, de experimentar significativamente seus conceitos e de pensar as palavras sob o mote da etimologia, fazendo dela uso heurístico. Exemplo disso é o que se tem no fragmento n.º 102, quando, sob o título de “Do ‘Caminho do campo’⁴ de Heidegger”, presenciamos o esforço por compreender cada elemento filosófico por detrás do relato bucólico do filósofo da Floresta Negra (em tal interpretação temos até um esquema gráfico no qual o castelo de Ehnried, as tílias do seu jardim, seus muros e portais não escapam à meditação de Harada).

O repertório do franciscanismo também comparece nessas notas diárias. Tal espírito – como encontrado com fragilidade e graça em *I Fioretti* – deixa-se sintetizar com finura por nosso pensador. Assim, jovialidade, cordialidade, pobreza e erotismo são termos centrípetos do diário, incidindo em muitos dos registros. A *jovialidade*, a qual Harada se refere, tem algo da simplicidade alegre do franciscano, se pensada como a disposição que faz com que possamos nos ocupar no mundo sem que este se torne um peso, sem que o convívio com os outros nos seja penoso, e que possamos, nas palavras do pensador: “[...] aguentar e suportar sem neurotizar” (p. 23) (Cf. fragm. n.º 7, 11, 26, 61, 74, 112 e 115). Em estreita ligação com o conceito de jovialidade, a *cordialidade* é tratada como o ter o outro no coração, sem descurar da singularidade gratuita de ser *um*; nesse ponto, na cordialidade parece permanecer íntegra a “*Einzigkeit*” (= singularidade), sobre a qual Harada e Rombach, por vezes, dialogaram (Cf. fragm. n.º 23, 55 e 120). Quando nosso autor trata de *erotismo*, este não se atém apenas ao amor ardente encontrado na celebração da vida, tal como ensinada por São Francisco; Harada põe em destaque a realidade concreta do celibato

³ A edição é documentada com fragmentos numerados, datas e números de páginas. A presente resenha informativa opta por referenciar os dias do diário de Hermógenes Harada pelos números dos fragmentos, indicando a paginação apenas quando o citando literalmente.

⁴ Cf. Bibliografia.

e o quanto a vida casta imprimiria a tensão necessária para nos colocarmos no núcleo da questão sobre a essência do erótico. Assim, Harada sustenta o sutil preceito filosófico de “se tornar profundamente erótico”, reflexões sobre a virgindade consagrada decorrem daí. (Cf. fragm. n.º 18, 26, 28, 74 e 89).

Não apenas o pensador filosófico dá-se a conhecer em *Da fidelidade do pensamento*, também o educador dedicado à excelência da formação intelectual e à espiritualidade dos alunos sob sua orientação se nos apresenta. Preocupações quanto a cultivar o amor pela vocação sacerdotal (uma vez que ele lidava com seminaristas) (Cf. fragm. n.º 117), sobre a dificuldade de aprendizagem de alguns (n.º 114), sobre a reparação de vícios que obstruem a vida acadêmica e espiritual... No entanto, entre todas, a maior inquietação de Frei Harada é certa indiferença endêmica à coisa do pensamento (Cf. n.º 20, 22, 60, 92, 94, 103, 108, 110, 113,119). Em passagem ilustrativa, nosso pensador chega a dizer:

A maioria dos cursistas ainda não compreendeu o que importa. O que importa é aprender a pensar! Só ouvem para que a gente lhe diga o que é certo ou errado! Há ali uma teimosia, inércia em pensar! Essa teimosia é quase má vontade. [...] sinto que nos ouvidos da turma nada ecoa. É insensível (p. 98-99).

E, num outro dia, ainda acerca dessa diagnosticada desertificação do espírito, temos:

Por uma semana, de todos os jeitos refletimos sobre o Simples. Embora os que refletiam fossem todos ex-cursistas [...], senti uma grande dificuldade em evocar-lhes o ser do Simples. A dificuldade estava em que os ouvintes não conseguem ouvir a tênue vibração de uma experiência evidente, mas, por assim dizer, sub-cutânea do ser. Aliás, ouvem e não ouvem. E não ouvem que não ouvem! Assim toda contribuição deles na reflexão tinha uma queda do nível de ressonância. Foi muito difícil insistir na diferença de nível. Pois tive que rejeitar sempre de novo, com acribia, as explicações deles, embora conceptualmente dissessem a mesma coisa. A diferença é de *stimmung*. A *stimmung* do simples é um hálito acerca do Nada. [...] Nunca senti tanto a inutilidade de um tal per-curso (p. 150-151).

Devemos ser cuidadosos aqui para não interpretarmos tal fala como pessimismo ou descrença quanto ao futuro e destinação do pensamento. Isso fica claro no trecho que dá ao diário o título de *Da fidelidade do pensamento*, e cuja citação é indispensável:

Há uma coisa estranha nisso, de fidelidade ao Pensamento. [...] Antigamente era muito sensível se as pessoas que falavam comigo se sentiam bem comigo, se eu era cortês etc. Esforçava-me para escutar “subjetivamente” com atenção. Agora, só ouço atentamente o que se

refere “à coisa mesma”. [...] Vou conservar-me fiel a essa distração que me afasta dos lios da subjetividade. Criar um olho, um ouvido, um coração que só registra os ecos da realidade. [...] Não me incomodar com o som falso, oco, inflado, venha ele de onde vier. Mas, estar à cata do som que repercute. Relacionar-me com tudo, comigo mesmo com o martelo na mão. Bater na rocha para ouvir a repercussão do tom diamantino. Cuidado, porém! Lá onde você tem a intenção de estar martelando na areia, pode se ocultar um som inominável do Deserto. *O Deserto sempre esconde uma fonte* (p. 140-141).

A tentativa de acessar esta fonte e, sobretudo, de guardá-la, era tarefa permanente de nosso autor; é o que pode ser entrevisto em vários fragmentos do diário (Cf. fragm. n.º 96, 107, 111 e 117), no entanto, especialmente em duas dessas peças tal esforço se evidencia melhor. Em “A fonte só pode ser pobre” (Cf. fragm. n.º 109), esta é pensada a luz da noção cristã de eucaristia como um “*springen*” (“saltar”, em alemão), o ulular para o qual deve estar atento qualquer um que tenha a necessidade de buscar o que há de fundamental na vida religiosa e filosófica; após, no fragmento: “Todo e qualquer trabalho em minha função de religioso é consagração” (n.º 116), a fonte é objeto de escuta segura e consideração, e nos vem como “*Ur-sprung*” (“origem”), profunda e essencial.

29

Íntimo, extraordinário, singular e fiel foram palavras aqui usadas para designar o diário e seu autor; jovial, cordial e ardente são outras referidas ao teor de suas ideias. Nessa altura de nossa resenha, já deve ter ficado claro que tais adjetivos não seriam atributos de um sujeito, antes aludem feições com as quais o pensamento nos vem por meio da voz filosófica madura de Hermógenes Harada. Temos, assim, muito mais do que vivências da pessoa, seus sentidos e traços modelares. A leitura de *Da fidelidade do pensamento: Fragmentos de um diário* (e, para dizer, recorreremos a uma paráfrase de Harada, em texto emblemático⁵) é ocasião para recordarmos, agradecermos e celebrarmos a fonte donde nos salta sempre nova a vigência do ser em nosso pensamento: *memória, gratidão*.

REFERÊNCIAS

- HARADA, H. *Da fidelidade do pensamento: Fragmentos de um diário*. Porto Alegre: Evangraf, 2018.
_____. Heinrich Rombach, memória e gratidão. *Scintilla – Revista de Filosofia e Mística Medieval*. 2004. v.1., n.1, p. 49-70.
HEIDEGGER, M. *O caminho do campo*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1969, p. 63-71.

Submetido: 20 de dezembro 2020

⁵ Cf. Bibliografia.

Aoristo))))

International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics

Aceito: 17 de janeiro de 2021

RESENHA

HARADA, H. *Da fidelidade do pensamento.*